



Revista Kyrial

15.^a edição

outubro de 2025

ISSN: 1982-1085

Pontifícia Universidade

Católica de Campinas

Escola de Linguagem e Comunicação

Faculdade de Letras

Ilustração de capa

Renata Sieiro Fernandes

Tema desta edição

Humanidade híbrida:

a vida em (trans)formação

Professor supervisor

João Paulo Hergesel

Conselho Editorial

Ana Clara Cardoso Berruezo

Guilherme Cruvinel Fonseca Maia

Isabelle Alves da Silva

Karolina Amadei Zan Longo

Kayssa Gabriela Amaro

Marcella Victoria Rocha do Prado

SOBRE A REVISTA KYRIAL

A Revista Kyrial é uma publicação anual da Faculdade de Letras da PUC-Campinas. Criada em 2007, a revista busca ser um espaço de intercâmbio entre a produção da universidade e a comunidade externa, inspirando-se na histórica vila onde intelectuais se reuniam no início do século XX para debater arte e cultura. Seus principais objetivos são divulgar o trabalho de escritores e artistas visuais contemporâneos e fomentar o diálogo com a sociedade por meio de manifestações artísticas e literárias que reflitam sobre temas atuais e urgentes.

Colaboradores (em ordem alfabética)

Agatha Alanne

Ana Helena Grimaldi

Ana Luíza Z. Barzon

Bárbara Castilho de Figueiredo

Beatriz Lot

Beatriz Vieira Celestino

Bernadete Lopes Almeida

Carolina Hachmann

Carolina Roberta Gonçalves

Cauê Mendonça

Cristina Betioli Ribeiro Marques

Eduarda Munhoz

Fernanda Brizzante

Gabriela Ceneviva

Giovanna Landim Carsa

Giulia Maia Guimarães

Isabela Araújo

Jaqueline Aguiar

João Paulo Hergesel

Josué Kalebe V. Reis

Joyce de S. Barbosa

Juliana Caruso

Kayssa G. Amaro

Laura Domingues de Souza

Letícia Nobrega Kremer

Luciana Hitomi Tamura

Maria Clara Pettan

Maria Victória Caffeu

Mariana do Nascimento Almeida

Marina Lui

Marina Rodrigues

Matheus Caetano

Milena M. Nakanichi

Natália da Silva Lopes

Pâmela Ferreira

Renata Sieiro Fernandes

Sabrina Maciel

Sofia Breyer

Sofia Neves

Sophia Marion Cyriaco

Victória Gabriela Dorigatti

Vitória Oliveira Santos

Yasmin Moreira da Silva

EDITORIAL

Ao lançarmos a chamada para a 15.^a edição da Revista Kyrial, propusemos uma reflexão sobre o tema “Humanidade híbrida: a vida em (trans)formação”. O convite era para que nossos colaboradores explorassem as complexas interseções entre a evolução humana, a natureza e a tecnologia, especialmente inspirados pelo tema da Campanha da Fraternidade 2025: “Fraternidade e Ecologia Integral”. A resposta, como se pode ver nas páginas a seguir, foi um poderoso mosaico de vozes e visões que não apenas abraçaram o tema, mas o traduziram em manifestações urgentes sobre nosso tempo.

Mais do que uma fusão harmoniosa, o hibridismo que emerge desta edição é um campo de tensões, memórias e lutas. A dor da perda de um elo com o natural, por exemplo, ressoa na prosa poética de Bernadete Lopes Almeida, em que uma árvore, cenário de um primeiro amor, é derrubada para dar lugar a um edifício. Essa mesma tensão se materializa no presente, no relato de Carolina Roberta Gonçalves sobre a mobilização da comunidade da EMEFEI Padre Francisco Silva para salvar o “Campão”, um espaço vital de aprendizado e interação com a natureza ameaçado pela expansão urbana. Em um paradoxo que define nossa era, a comunidade utiliza as redes sociais como ferramenta para lutar pela preservação do espaço físico e concreto.

A reflexão sobre essa humanidade em transformação nos leva também a futuros possíveis e a passados que não podemos esquecer. O conto “Shelved Heart”, de Letícia Nobrega Kremer, nos transporta para um futuro no qual a tecnologia pode sustentar um corpo com um coração artificial, mas a alma ainda busca consolo sob a última grande árvore de uma cidade tomada por imitações. Em um diálogo potente, as colagens de Renata Sieiro Fernandes nos lembram, com inspiração em Ailton Krenak, que “o futuro é ancestral”, propondo uma agenda que conecta a ecologia a saberes originários, indígenas e africanos, em um modelo colaborativo e não extrativista.

Essa busca por novas formas de ser e de se conectar com o mundo floresce nos projetos pedagógicos aqui apresentados. Na Escola Comunitária de Campinas, o projeto “Naturezas Híbridas” convidou os alunos a fundirem seus corpos a elementos da natureza, criando seres híbridos em pinturas que questionam as fronteiras entre o eu e o outro. As reflexões dos estudantes revelam uma profunda conexão, seja no desejo de ter a força de uma árvore, a capacidade de adaptação da água ou o refúgio protetor do casco de uma tartaruga. Da mesma forma, o concurso literário “Somos Todos Natureza”, da Escola Americana de Campinas, deu voz à angústia e ao chamado à ação das gerações mais novas, que veem com clareza os prédios que sobem enquanto as árvores descem e a terra que se transforma em um “lixão enfeitado”.

Finalmente, esta edição demonstra que a comunicação é uma ferramenta indispensável nessa transformação. O projeto “Publicidade e Ecologia Integral”, desenvolvido com estudantes de Redação Publicitária da PUC-Campinas, canalizou a criatividade e a técnica da persuasão para apoiar a causa de institutos de preservação reais. As peças criadas para organizações como a Associação Mico-Leão-Dourado, WWF-Brasil, Projeto TAMAR, Greenpeace e Instituto Baleia Jubarte são a prova de que a palavra, quando bem empregada, pode mobilizar, conscientizar e, quem sabe, ajudar a reescrever nosso futuro.

Se a publicidade empresta sua força para a ação e a mobilização, a poesia nos oferece um caminho de volta à contemplação. Os haicais dos estudantes de Semântica do Português, produzidos sob a temática da contemplação da natureza, nos lembram que a reconexão com o mundo natural também passa por um exercício de observação e sensibilidade. Em versos curtos e precisos, os alunos-autores capturam a passagem das estações, o cair de uma folha ou o calor do sol, revelando que, mesmo em meio à agitação de uma vida híbrida, a capacidade de se maravilhar com o entorno permanece uma forma potente de resistência e pertencimento.

As colaborações que compõem esta edição da Kyrial são, portanto, mais do que simples trabalhos artísticos ou textuais. São fragmentos de uma humanidade que se percebe em um ponto de inflexão, um testemunho da nossa capacidade de sentir, de lembrar, de lutar e, acima de tudo, de reimaginar a vida em um planeta que clama por cuidado.

João Paulo Hergesel é professor da Faculdade de Letras e pesquisador do Programa de Desenvolvimento Humano e Integral: Levanta-Te e Anda (PDHI:LA).

A ÁRVORE DA MEMÓRIA

Bernadete Lopes Almeida



A árvore da memória brilha na alma. Sob ela, os beijos escondidos trocados com o primeiro amor, a brisa das noites frescas celebrando as descobertas da adolescência.

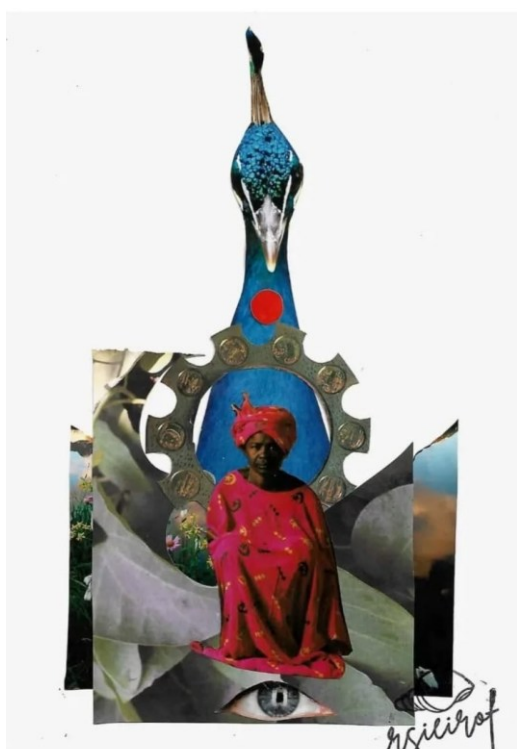
A árvore, alta, bela, foi derrubada logo depois, porque um novo edifício queria aquele espaço.

E se foi, com os ninhos dos muitos pássaros, levando com ela o sabor doce de um amor que ainda dói em mim.

Bernadete Lopes Almeida é participante do Programa Vitalità – Centro de Envelhecimento e Longevidade PUC-Campinas.

POR UMA AGENDA GLOBAL ECOLÓGICA E ANCESTRAL

Renata Sieiro Fernandes



As colagens selecionadas capturam inspirações da música de Caetano: os versos “Um índio descerá de uma estrela colorida, brilhante/ De uma estrela que virá numa velocidade estonteante/ E pousará no coração do Hemisfério Sul, na América, num claro instante/ Depois de exterminada a última nação indígena/ E o espírito dos pássaros das fontes de água límpida/ Mais avançado que a mais avançada das mais avançadas das tecnologias” nos recordam que os povos originários (indígenas e africanos) desenvolveram tecnologias da forja do ferro, da olaria, da confecção de roupas e adornos, de varas, lanças e flechas, tambores e maracás. Tais colagens tomam o livro de Ailton Krenak o anúncio de que o futuro é ancestral, conectando todos os seres de modo colaborativo e não explorador, em prol da vida e contra todas as formas de genocídio e extermínio.

Renata Sieiro Fernandes é pedagoga, mestre e doutora com pós-doutorado em Educação pela Unicamp, orientadora pedagógica (Fundamental 2 e EJA) na Rede Municipal de Campinas-SP, microcontista e colagista analógica.

Instagram: [@rsieirof](#) | [@rsieirof_colagens](#)

E-mail: rsieirof@hotmail.com | renata.sieiro@educa.campinas.sp.gov.br

RAÍZES QUE PERDURAM, MEMÓRIAS QUE FLORESCEM

Carolina Roberta Gonçalves

Vivemos em um tempo de transição, em que a humanidade híbrida se constrói na interseção entre a expansão urbana e a preservação do que ainda conecta ao mundo natural. O ambiente escolar não está à margem desse desafio. Enquanto se moderniza, precisa decidir o que mantém e o que abandona.

Na EMEFEI Padre Francisco Silva, situada na cidade de Campinas, estamos prestes a enfrentar uma situação alarmante, que reflete justamente esse conflito de maneira muito concreta. A busca por transformações positivas (neste caso, por parte do município), se não forem adequadamente avaliadas, podem nos trazer perdas irreparáveis. No coração da escola, há um espaço singular, o “Campão”, onde as crianças experimentam a liberdade, se envolvem com o ecossistema ao redor, vivenciando aprendizados que só afloram em meio à plenitude da vida natural. Mas esse território vivo está sob ameaça. A cidade cresce, e com ela a necessidade de acolher mais alunos. Esse é um fato inegável. Para atender a essa demanda, está em andamento, um projeto de construção de uma nova unidade escolar no terreno onde hoje está o Campão. No entanto, essa expansão, neste espaço, trará danos significativos, não só no aspecto ambiental com a eliminação das árvores e conseqüentemente, dos diferentes seres que ali habitam, gerando a perda da vitalidade do ambiente com a “poda” da interação genuína das crianças com o meio ambiente em um espaço valoroso, fértil em oportunidades.

Essa possível substituição nos leva a refletir sobre o verdadeiro significado do progresso: É incontestável que o desenvolvimento, seja no âmbito urbano ou tecnológico, traz benefícios significativos para uma vida mais prática e eficiente. No entanto, dados preocupantes sobre as consequências negativas do uso excessivo das telas e a crescente desconexão do mundo real têm se tornado cada vez mais evidentes, apontando para grandes problemas sociais, afetando diretamente nas relações interpessoais.

No “Padreco” – como a comunidade conhece e como as crianças carinhosamente chamam a nossa escola –, temos hoje o privilégio de ter espaço integrativo com o meio ambiente. Nossos alunos já sentem essa perda antes mesmo de ela acontecer, eles compreendem que a perda desse espaço compromete um dos seus maiores legados: ser cenário vivo da infância, um espaço inusitado, escasso em um mundo que se cerca cada vez mais por telas e interações híbridas. São atraídos e envolvidos pelos recursos tecnológicos disponíveis no cotidiano, mas também fascinados com as propostas que as conectam com o real/natural, que viabilizam conexões sublimes, acolhimento e aprendizado insubstituível.

A comunidade escolar se mobilizou em resposta. Houve abraço coletivo, assinaturas em abaixo-assinados, manifestações pacíficas. Pais, alunos, professores e funcionários uniram-se para mostrar que aprender não se limita às paredes das salas. Nesse processo, a tecnologia também foi nossa aliada. As redes sociais foram ferramentas fundamentais para amplificar a voz da comunidade, chamar mais pessoas para a causa e mobilizar apoio. Publicações, vídeos, relatos e compartilhamentos ajudaram a conectar quem não podia estar fisicamente presente, provando que a luta por um espaço tão concreto também se fortaleceu no ambiente digital. Esse é um dos paradoxos do nosso tempo: ao mesmo tempo em que nos afastamos da experiência sensorial, usamos as ferramentas virtuais para tentar preservá-la.

A escola do futuro precisa ser híbrida não apenas no sentido tecnológico, mas também na forma como equilibrar a vida digital e a vida concreta. O “Campão” desempenha esse papel de forma ímpar: não é apenas um espaço ocioso, mas um ambiente de aprendizado dinâmico, onde as crianças exploram, criam e ressignificam o tempo e o espaço da escola. A perda desse espaço compromete um dos pilares essenciais da proposta pedagógica que defendemos.



Carolina Roberta Gonçalves é pedagoga com especializações na área educacional e natural de Sorocaba. Atualmente, é professora na Rede Municipal de Campinas, atuando na escola de tempo integral EMEFEI Padre Francisco Silva. Com mais de 12 anos de experiência docente, teve a oportunidade de trabalhar em diversas redes municipais no interior de São Paulo, o que contribuiu para uma visão ampla dos desafios e das necessidades do ensino em diferentes contextos. Seu trabalho é dedicado à formação de cidadãos críticos, com foco na criação de um ambiente de aprendizado acolhedor e estimulante para seus alunos.

E-mail: ca_robertagoncalves@hotmail.com

SHELVED HEART

Leticia Nobrega Kremer

An old man walked towards the biggest tree in the town. It was huge, both in height and diameter, contrasting in the scenery full of buildings, electric vehicles and small bushes with tiny flowers. Almost no one even looked up that tree: most people were too focused on their social media profiles. But not that old man. No, he only admired the tree, with a big, almost toothless smile on his face.

“I think it’s time, my friend” He said, touching the tree with his left hand, while his right hand touched his own chest, where he could feel the robotic rhythm of his heartbeat. “It’s been a long while...”

He sat down, with his back on the trunk, still smiling. He looked up, seeing a bit of the blue sky between the branches and leaves. The old man could feel his artificial heart beating slower and slower. It needed an upgrade so it could beat at a healthy rhythm, but at the same time he needed to get new joints, new bones, and eat nasty food. It was too much of a hassle. So, he decided: No more upgrades, just enough for him to have a peaceful and painless death.

Suddenly, some feelings and thoughts that were bottled up for far too long suddenly resurfaced. When he was young, he saw most of the fauna and flora of his hometown get destroyed and replaced by plastic imitations. He and his boyfriend along with other friends rioted against this for a while, but after he married and adopted his only daughter, he stopped. He didn’t have time to march, to protest. The last time he did anything like this, it was to preserve the oldest tree in the area, where he was sitting at that moment.

Maybe he should have fought harder? Maybe he should never have started to fight to begin with and just embraced the robots and new vehicles? Even with a bit more than a century old, the man couldn’t be 100% certain if his actions made an actual difference for the world. He didn’t even know if his insignificant life made him enraged, scared or relieved. Maybe a bit of all these feelings and even more. It was hard to understand all these emotions since they were buried for so long... Technology clearly helped in the long run: it was the same technology that brought back many of the endangered species and made the last years of his husband and daughter more peaceful. Maybe it would get to a point where nature and machinery would coexist without interfering with each other. That was definitely his last wish.

His artificial heart stopped and he finally closed his eyes, gave his last breath and embraced the inevitability of death.

Letícia Nobrega Kremer, nascida em 24 de outubro de 1997 em São José dos Campos, gosta de estudar diversas línguas, jogar videogame, assistir anime, colecionar bonecas, cartas de Pokémon e pelúcias, além de adorar ler livros de ficção de diversos gêneros. Escreve como um *hobby* desde criança tendo o sonho de se tornar uma escritora e foi assim que decidiu estudar no curso de Letras, para aperfeiçoar sua escrita. Já é formada em Licenciatura e Bacharelado pela PUC-Campinas, além de fazer uma pós-graduação em Escrita Criativa.

PROJETO – NATUREZAS HÍBRIDAS: AS PELES DO MUNDO

Prof.^a Ana Helena Grimaldi (Escola Comunitária de Campinas)

Durante as aulas sobre Arte Contemporânea e Natureza, os alunos e alunas do 8.º ano do Ensino Fundamental da Escola Comunitária de Campinas foram apresentados a diversas artistas, como a argentina naturalizada brasileira Estefania Gaviña e a paulista Rosana Paulino. Por meio de suas obras, as artistas não apenas celebram a Natureza e sua diversidade, mas também levantam questões críticas sobre a conservação do meio ambiente, a identidade cultural e a ancestralidade.

Retomamos também as reflexões acerca do livro “Ideias para adiar o fim do mundo”, do pensador indígena Ailton Krenak, que foi lido e estudado durante as aulas de Língua Portuguesa. Nesse livreto de 100 páginas, Krenak nos provoca com reflexões que colocam em xeque a base do pensamento ocidental sobre o que consideramos humanidade e a urgência em repensarmos a forma como encaramos a Natureza: deixando de enxergá-la como um “recurso natural” a ser explorado, e aceitando que somos parte dela. Assim, segundo ele, podemos nos desapegar da ideia de que somos uma única humanidade, considerando vivências múltiplas.

Quantas peles a Natureza habita?

Nas aulas de Artes Visuais, os alunos e alunas foram convidados a criar imagens de seres híbridos, pesquisando as peles e superfícies que gostariam de misturar aos seus corpos. Neste momento, algumas escolhas foram guiadas por preferências pessoais e questões estéticas.

Ao misturar a silhuetas de seus corpos a essas “peles”, percebemos que essa junção, para além do fazer pictórico, criou uma conexão.

Quantas naturezas as peles permitem?

Em seguida, mergulhamos nas pesquisas sobre as funções e as características dos elementos escolhidos na pintura (peles de animais, minerais, plantas, água, céu, nuvens, sol, células, etc.) e imaginamos a sua importância em momentos do nosso cotidiano.

Dessa forma, além de realizar uma fusão por meio da pintura, os alunos e alunas entenderam mais sobre as propriedades e as características das diversas espécies e de seus processos de sobrevivência, percebendo a riqueza da diversidade e, também, as semelhanças nos desafios que todos enfrentamos para viver em coletividade.



Pequenos relatos dos alunos e das alunas

“Eu escolhi a pele de zebra para minha pintura porque suas listras a ajudam a se esconder e se proteger. Ela possui um corpo ágil e discreto, capaz de se adaptar rapidamente. No meu dia a dia, isso seria muito importante, para passar despercebido em momentos que exigem mais cautela. E em momentos que eu faço besteira. Esse trabalho me fez ver que os menores detalhes podem fazer toda a diferença.” — **João Pedro**

“Minha pintura mostra o meu perfil e dentro dele usei uma textura de água para dar a ideia de oceano. Escolhi esse elemento para representar a conexão entre o ser humano e a água. A água é super flexível, se adapta em tudo e tem tudo a ver com emoção e mudança. O que acho mais legal é como ela se molda sem deixar de ser água. No dia a dia, isso poderia me ajudar a lidar com problemas, sem surtar. No fim, esse trabalho me mostrou que a gente também precisa aprender a ir com o fluxo, mudar e aprender mudando.” — **Laura**

“Eu adoraria ter o tamanho e a força de uma árvore.” — **Felipe**

“Minha conexão com a natureza me deixou mais sensível à sua preservação.” — **Isabela**

“Minha pintura contém diversos elementos, como o mar, o sol e a fauna marítima. Depois de pesquisar mais sobre diversos peixes, percebi que eles sempre estão juntos em seu cardume, algo de que eu não gostaria, já que acho importante ter um tempo só pra mim, comigo mesmo.” — **Davi**

“O animal que me inspirou foi a da tartaruga. Ela pode se proteger em sua casca e ter um espaço mais tranquilo quando precisar, o que seria importante no meu cotidiano, principalmente em ambientes cheios, em situações complicadas ou quando preciso de um espaço para recuperar a calma. Este trabalho me ensinou sobre a importância da conexão com a natureza e os animais, e que assim como nós, os animais enfrentam desafios em seu cotidiano e que cada um de nós lida de um jeito.” — **Isabela C.**

“Quando eu estou meio deslocado em um lugar, eu só quero desaparecer, e entendi que as zebras, mesmo sendo únicas, são praticamente iguais, se camuflando no grupo. Com esse trabalho, aprendi que na natureza há diversas pelagens de animais e que pelo que elas significam, podemos compreendê-los e entendê-los melhor.” — **Jorge**

“A borboleta tem diversos significados metafóricos. Por ter sua vida sempre em movimento, sempre se transformando, se descobrindo... Esse processo é o mesmo para as possíveis mudanças na nossa vida: que nos trazem uma sensação de medo, porém, assim como uma borboleta, devemos abrir as asas e sair do nosso casulo, ou seja, da nossa zona de conforto.” — **Júlia**

Ana Helena Grimaldi é artista educadora e professora dos oitavos e nonos anos do Ensino Fundamental 2 da Escola Comunitária de Campinas.

Instagram: [@anahelenagrimaldi](https://www.instagram.com/anahelenagrimaldi)

E-mail: anahelenagrimaldi@ecomunitaria.com.br

PROJETO – SOMOS TODOS NATUREZA

Prof.^a M.^a Jaqueline Aguiar (Escola Americana de Campinas)

A Escola Americana de Campinas, fundada em 1956 para atender, principalmente, os filhos de funcionários expatriados de empresas multinacionais que se estabeleciam em Campinas e região, promove há mais de 15 anos uma Semana da Cultura Brasileira com o intuito de fortalecer a cultura nacional em um ambiente internacional, como é o dela. Com o tempo, essa finalidade se ampliou e passou também a ser de atender a uma parcela de brasileiros cujo objetivo era de prosseguir seus estudos no exterior ou o de ter uma vivência internacional, mas em solo brasileiro.

Diante desse cenário, então, celebrar a cultura brasileira passou a ser um momento de compartilhamento muito produtivo, tanto de brasileiros quanto de estrangeiros que estudam na EAC, afinal, é uma Semana em que ocorrem várias atividades, culminando com a divulgação dos vencedores tanto da Gincana, quanto do Concurso Literário cujos temas estão sempre ligados a algum aspecto que se quer destacar: mitos e lendas, personalidades, história, música, natureza brasileira...

A temática do Concurso Literário da EAC de 2025 é “Somos Todos Natureza”, numa clara defesa da simbiose entre a Natureza e a espécie humana e da necessidade de preservação de uma para que haja a permanência da outra. Diante dessa proposta, as produções são avaliadas de acordo com a categoria em que se encaixam, competindo entre si os alunos de 5º e 6º, os de 7º e 8º, os de 9º ano do Fundamental II e os da 1ª série do Ensino Médio, e os de 2ª e 3ª séries do Ensino Médio.

Os textos a seguir são os primeiros colocados em suas respectivas categorias:

Categoria 5º e 6º anos:

Raízes da Natureza

Sophia Marion Cyriaco

Somos todos do mesmo planeta

Raízes da natureza

Como essa bela riqueza

Está virando pobreza?

Nós, humanos, estamos danificando a natureza

Afetando toda essa beleza

BUM!

Sinto cheiro de fumaça

Mais uma árvore sendo queimada

LIXO, EXTINÇÃO, VIOLÊNCIA

Por que tanta resistência?

Estamos matando plantas, animais

Vocês não acham que já é demais?

Um simples gesto pode mudar tudo!

Temos tempo de mudança, de fazer diferença

Não vamos desistir

Correndo atrás vamos conseguir

É hora de agir, a hora é essa; vamos todos juntos nessa?

Categoria 7º e 8º anos:

Nossa última ação

Marina Rodrigues

Fogo, chamas, matança,
Estamos sem esperança,
O que será que vai nos acontecer,
Se um dia o sol não nascer,
E não tivermos mais como sobreviver?

Se a Terra deixar de nos tocar,
E o vento deixar de soar,
Será que ainda restará valor,
Para o que antes era chamado de amor?

Será que ainda conseguimos despertar,
Antes que a Natureza comece a chorar,
De tanta dor que deve ecoar,
Pela falta de amor em nosso olhar?

Antes que os gritos de socorro sejam nossos,
Antes que a Terra se afogue em nossos ossos,
Antes que a percamos em nosso coração,
Devemos partir para a ação,
De salvar quem tem sido nossa própria salvação.

Categoria 9º ano do Fundamental e 1ª série do Ensino Médio

Evolução

Cauê Mendonça

Se alguém virar pra mim e perguntar:

Estamos evoluindo neste mundo?

O que irei falar?

Posso falar da terra até o mar,

das estradas ou até sobre o meu próprio lar?

Posso falar dos prédios ou das casas,

dos carros e das lojas.

Posso simplesmente falar sobre a nossa evolução.

Nós estamos sempre mudando ou criando algo.

Aumentando ou diminuindo algo a cada segundo.

Mas, daí eu penso, estamos melhorando ou estamos piorando?

Os prédios sobem enquanto as árvores descem.

Os carros gritam enquanto os pássaros sussurram.

As cidades aparecem enquanto as florestas desaparecem.

Tudo aquilo que paramos de usar

acaba virando brinquedo para os peixes brincarem?

A cada dia que passa
a natureza se esconde

e nós falamos que faz parte da evolução.

Com todas essas mentiras de evolução,
Fico pensando como o Futuro será.
Como vai ser olhar para o lado
e ver a natureza sem expressão?

Categoria 2ª e 3ª séries do Ensino Médio

E agora, Sabiá?

Carolina Hachmann

Tic tac tic tac

e eu ouço o relógio bater.

O ar quente, abafado,
sinto calor, tédio, aborrecer.

Assim eu olho para fora,
com meus olhos de relógios quebrados
e vejo que a terra sob meus pés
virou um lixão enfeitado.

Essa terra de onde minha mãe
e sua mãe antes dela nasceu,
que secou, murchou,
e no tijolo cada uma faleceu.

E eu, que nasci do metal
da sujeira, da sucata?
Sabia, sabiá,
que eu já nasci ensacada?

Neste mundo de plástico
de lata, aquecido,
onde o oceano um dia suspirou,
nós já havíamos esquecido.

E agora, Sabiá,
que tu voas pela janela
uma lágrima cai de ti
e tu caís morto em cima dela.

Assim a terra morre
e fica seu esqueleto de madeira
e eu soubesse que doeria em mim como em ti
talvez tivesse mudado minhas maneiras.

PROJETO – PUBLICIDADE E ECOLOGIA INTEGRAL

Prof. Dr. João Paulo Hergesel (PUC-Campinas)

A publicidade, em sua essência, é a arte de conectar ideias a pessoas. Com o desafio de unir essa arte à urgência da causa ambiental, propusemos aos estudantes de Redação Publicitária – turmas do 2.º semestre de 2024 – uma tarefa complexa e atual: criar um anúncio de página inteira para um instituto de preservação. O objetivo foi além da técnica, instigando-os a mobilizar estratégias de argumentação e persuasão de forma criativa e, acima de tudo, ética.

Cada estudante escolheu uma organização real, mergulhando em sua missão, frentes de atuação e relevância para a sociedade brasileira. O exercício consistiu em condensar essa identidade em uma peça que não apenas informasse, mas que também gerasse uma conexão emocional e, crucialmente, convidasse o leitor à ação.

Os textos que vocês lerão a seguir são os frutos mais notáveis deste projeto, selecionados por sua clareza, originalidade e domínio da linguagem. Mais do que um exercício acadêmico, são um vislumbre de como a nova geração de comunicadores pode colocar seu talento a serviço de um futuro mais sustentável.

João Paulo Hergesel é professor da Faculdade de Letras e pesquisador do Programa de Desenvolvimento Humano e Integral: Levanta-Te e Anda (PDHI:LA).

Ninguém liga para a nota de 20 (Associação Mico-Leão-Dourado)

Bárbara Castilho de Figueiredo, Beatriz Lot e Sabrina Maciel

O protagonista da nota de 20 reais está desaparecendo, tanto das notas, quanto das florestas.

A tecnologia do PIX avança, e com isso, o mico leão dourado some da carteira dos brasileiros. Porém este sumiço está se alastrando para além do digital, e na Mata Atlântica, não vemos mais o douradinho. Esses baixinhos não são apenas fofos, eles também cuidam da disseminação de sementes na natureza, contribuindo para a arborização de espécies frutíferas. Além disso, o mico leão dourado é encontrado somente no Brasil, por isso, é de extrema importância preservá-los, isso é feito por uma organização intitulada Associação Mico-leão dourado.

A missão desta associação é promover a conservação do mico leão dourado e de seu habitat natural, que está localizado entre a cidade do Rio de Janeiro, segunda maior metrópole brasileira, e a Bacia de Campos/Macaé, a mais importante área de exploração de petróleo do país. É também uma região de acelerado crescimento urbano e industrial. Por esta razão, diversas infraestruturas atravessam a Área de Proteção Ambiental São João/Mico-Leão-Dourado. A organização tem diversas ações com o objetivo de garantir um futuro para os micos-leões-dourados na Mata Atlântica assim como a qualidade de vida dos brasileiros que vivem na região.

A biodiversidade está estampada nas cédulas do real, com o intuito de estimular o interesse ao meio ambiente e proteção da fauna, para você ver como brasileiro só dá valor para dinheiro mesmo. Porém, nós deveríamos nos importar mesmo com vidas. Em 1960, a espécie de Micos estava apenas em 200 animais com previsões de extinção total, a partir das ações da associação, atualmente este número passou para 1,6 mil. Agora imagina se você só tivesse 200 reais e ganhasse mais 1.400. O quanto você ficaria feliz? Aposto que bem mais do que você ficou ao saber da recuperação dos micos.

Dinheiro realmente é importante, e está tudo bem!

Porém, ele é muito necessário para ajudar a associação a continuar com seus projetos que além de salvar este pequeno animal, também preserva a Mata Atlântica e ajuda a população. Para doar, acesse o site micoleao.org.br/apoie e impeça mortes.

Queimadas: o Brasil em perigo (WWF-Brasil)

Eduarda Munhoz, Maria Clara Pettan e Matheus Caetano

Enquanto você lê esse texto, o que conhecíamos como verde se transforma em cinzas. No Brasil, incêndios florestais têm destruído milhares de hectares da Amazônia, Cerrado e Pantanal a cada ano. De acordo com o INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), no mês de setembro já foram contabilizados mais de 80 mil focos, cerca de 30% acima da média histórica, colocando em risco a fauna, a flora e a saúde de comunidades inteiras. Esses incêndios não são apenas um desastre ambiental; são uma ameaça ao equilíbrio climático global e um reflexo das escolhas que estamos fazendo enquanto sociedade. O WWF-Brasil está aqui para mudar essa realidade. Parte de uma rede mundial de preservação, nossa missão é proteger e restaurar as áreas mais afetadas, garantindo um futuro em que a vida floresça novamente.

Nossa atuação vai além do combate direto às queimadas. Trabalhamos para identificar as causas, promover políticas públicas e mobilizar comunidades, além de replantar áreas devastadas. Precisamos agir rápido, pois o tempo de salvar o que resta das nossas florestas está se esgotando. Os incêndios não escolhem o que queimar — eles devastam tudo à sua frente, apagando séculos de história natural em questão de minutos.

Queremos inspirar uma mudança real. Acreditamos no poder de unir vozes para transformar as cinzas em verde novamente. E você pode fazer parte desse movimento. Conscientizar, plantar, proteger e exigir ações responsáveis: tudo isso começa com um simples passo que pode ser feito de maneira virtual através de doações em nosso site. Todo o valor arrecadado será investido em nossa meta de **restaurar 18 milhões de hectares no Brasil até 2030**. Junte-se a nós e ajude a reverter esse cenário com atitudes que realmente impactam.

A realidade de Cora (Projeto TAMAR)

Fernanda Brizzante e Marina Lui

Cora é uma das poucas tartaruga-de-couro que vivem no litoral norte do Espírito Santo. Ela leva uma rotina calma e previsível. Todos os dias, Cora acorda e nada com seus amigos, Sebastião e Lily, seu casal de peixes favoritos. Após seu passeio matinal, é hora do almoço, então Cora sai em busca de uma deliciosa água-viva para comer. Ela avista um grupo de águas-vivas de em tons de brancos perolados, e devora uma delas.

Nesse dia, Cora virou apenas um número: cerca de 6,4 milhões de toneladas de lixo são despejados nos oceanos todo ano, das quais 70% são plásticos, que acabam com a rotina de diversos animais marinhos, como Cora.

Nesse dia 8 de junho, recicle seu lixo e salve um amigo de Cora.

Projeto TAMAR, Dia mundial dos Oceanos.

A voz de quem grita, mas ninguém escuta (Greenpeace)

Yasmin Moreira da Silva e Agatha Alanne

Você diz que a vida deve ser aproveitada, mas o que você faz para garantir que ela seja realmente vivida ao máximo?

Você usaria menos plástico?

Você plantaria uma árvore?

Você faria uma doação?

Você jogaria menos lixo pela janela do seu carro?

Você iria para um passeio de bicicleta ao invés de ligar o carro?

Sim? Então por que não começar agora?

Nós, da Greenpeace, somos a voz de quem grita, mas ninguém escuta. Defendemos o direito de viver bem no planeta em que nascemos, e a preservação de tudo que nos foi dado é o básico que não está sendo respeitado, e isso não pode continuar assim. Estamos há mais de 30 anos enfrentando todo tipo de ameaça ao clima global e à destruição da Amazônia.

Essa luta não é só nossa, ela é sua também! Por meio de mobilizações pacíficas e criativas, a Greenpeace busca transformação e visibilidade para tudo o que está acontecendo com o planeta. Com ativismo, coragem, esperança, resistência e promoção da paz, sabemos que podemos ir longe. Isso é só o início de algo grandioso.

Se para você, que estava longe das queimadas, já foi incômoda a quantidade de fumaça propagada pelo ar, imagine as populações ribeirinhas, indígenas, quilombolas e periféricas que são as mais afetadas por toda a seca e fumaça que vêm dominando nos últimos tempos.

Você pode não ser o causador de tudo isso, mas o que você faria para garantir que sua vida e a dos outros sejam vividas ao máximo?

Assine a petição para cobrar do Estado ações que ajudem a combater as mudanças climáticas.

Se as baleias calarem, o oceano perderá sua melodia (Instituto Baleia Jubarte)

Gabriela Ceneviva e Sofia Breyer

Na grandeza das águas brasileiras,
Um sinal de esperança surge:
A respiração e o coral das gigantes marinhas
Evidencia a existência das sobreviventes.

O projeto de salvá-las toma grande proporção,
Impactando em um contexto global.
Completam três décadas de história e dedicação,
Mergulhando em um futuro musical.

Para promover a mudança,
É necessário conhecer e, assim, preservar.
Nossa missão é sua empatia,
Transformado a predação em admiração.

Você tem o poder de mudar!
O mar te espera.
Qualquer ajuda é bem-vinda.
Conheça o nosso trabalho.

Voluntariar,
Ajudar,
Doar,
Preservar,
Conscientizar,
Educar...

O oceano clama por você.

PROJETO – HAICAIS

Prof.^a Dr.^a Cristina Betioli Ribeiro Marques

No âmbito do componente curricular "Semântica do Português", os estudantes dos cursos de Letras: Português/Inglês exercitam a construção de sentidos pela escrita poética do "haikai". Como gênero de origem japonesa (século XVII), traz os princípios de contemplação da natureza e síntese como vieses criativos. Quando adaptado para o Português Brasileiro, na primeira metade do século XX, ficou definido como forma fixa de 3 versos, metrificados respectivamente com 5/7/5 sílabas poéticas. Com o passar do tempo, poetas brasileiros modernos e contemporâneos foram subvertendo essa estrutura, mas a oficina vinculada ao componente curricular ainda mantém a referência tradicional, conforme se observa na produção dos estudantes.

Casacos fechados
escondidos no armário.
Inverno jamais.

— *Pâmela Ferreira*

No frio desse inverno,
no calorzinho do quarto,
tenho a minha paz.

— *Natália da Silva Lopes*

Árvores peladas
sem pássaros a cantar.
Inverno chegando.

— *Pâmela Ferreira*

As flores renascem
o inverno chegou ao fim.
O sol está aqui.

— *Joyce de S. Barbosa*

Nesses campos frescos
desse inverno ameno, folhas
ao vento secaram.

— *Maria Victória Caffeu*

Inverno de agora
seu inverso no amanhã.
Mudança sem fim.

— *Giovanna Landim Carsa*

fim da noite

ao raiar do dia
nas nuvens eu vejo o sol
que traz luz a nós

— *Isabela Araújo*

na cor dessa folha
suas flores de destacam
entre tantas mais

— *Isabela Araújo*

Nesse entardecer
todo laranja de outono
canta o sabiá.

— *Sofia Neves*

Gota cai na folha
chuva dissolve verão
vem o outono ameno.

— *Laura Domingues de Souza*

Verão sinfonia
que queima essa minha pele
Calor embriaga.

— *Victória Gabriela Dorigatti*

Reflete um olhar
tal qual a lua que muda.
Fria noite passa.

— *Luciana Hitomi Tamura*

O calor está
nesse outono tropical
a clamar, ficar.

— *Giulia Maia Guimarães*

Céu ensolarado
um calor exorbitante
É março no outono.

— *Mariana do Nascimento Almeida*

Sépia são as folhas
que presas no galho ao longe
falam desse outono.

— *Kayssa G. Amaro*

Cai árvore podre.
Águas e ventos de março.
O portão quebrado.

— *Juliana Caruso*

Voo

Suas asas se abrem
fazem sombra quando voa
Sucinta penumbra.

— *Ana Luíza Z. Barzon*

Setembro inicia,
o fio se dissipa no
sol alvorecer

— *Josué Kalebe V. Reis*

No sol refletido
a primavera anuncia
Vem o fim do inverno

— *Beatriz Vieira Celestino*

No escuro do céu
Sublime brilhante lua
Azulado inverno

— *Vitória Oliveira Santos*

A chuva chegou
A colheita nos espera
É a Primavera

— *Milena M. Nakanichi*

